

**“QUE SOLIDÃO DE MULHERES AMEDRONTADAS”: VIOLÊNCIA E
RESISTÊNCIA EM A PONTA DO SILÊNCIO (2016), DE VALESCA DE ASSIS**

**“THE LONELINESS OF FRIGHTENED WOMEN”: VIOLENCE AND RESISTANCE
IN A PONTA DO SILÊNCIO (2016), BY VALESCA DE ASSIS**

Lorena Amorim de Souza¹
Ana Maria Soares Zukoski²
Wilma dos Santos Coqueiro³

Data de recebimento do texto: 05/07/2024

Data de aceite: 01/08/2024

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca da relação entre a narrativa ficcional e o cenário social, concentrando-se em uma análise interpretativa da representação da violência de gênero e da resistência feminina na literatura de Valesca de Assis, tendo como *corpus* de estudo o romance *A ponta do silêncio*, publicado pela autora em 2016. O enredo da obra desvenda um relacionamento afetivo de trinta e três anos marcado por abusos e violência, centrando-se na história da professora Marga Treibel, moradora de uma cidade interiorana, acusada de assassinar o próprio marido. Após este evento traumático, Marga perde a capacidade de falar e é hospitalizada. Entretanto, a professora decide levantar a ponta do silêncio de uma relação de abusos e violência recorrendo à escrita de cartas. Por meio da análise deste romance esperamos contemplar temas que ecoam nas histórias de inúmeras mulheres que, em suas trajetórias de vida, foram silenciadas e subjugadas. Em uma sociedade na qual o patriarcado, embora em declínio, ainda exerce influência, esta pesquisa objetiva lançar um olhar qualitativo e interpretativo sobre essa temática, contribuindo para uma compreensão mais profunda sobre o assunto. Esta análise fundamenta-se nos Estudos Culturais (Cevasco, 2009) e na Crítica Feminista (Machado, 2006; Zolin, 2019; Bandeira, 2019; Zukoski, 2020), tencionando ponderar acerca dos abusos sofridos e enfrentados pela protagonista, como também a sua resistência e subjetivação através da escrita.

Palavras-chave: Romance de Autoria Feminina. Valesca de Assis. Violência de Gênero. Resistência Feminina.

Abstract: This article aims to present a reflection on the relationship between fictional narrative and the social scene, focusing on an interpretative analysis of the representation of gender violence and female resistance in Valesca de Assis' literature, using the novel *A ponta do silêncio*, published by the author in 2016, as the *corpus of study*. The plot of the novel unravels a thirty-three-year relationship marked by abuse and violence, centering on the story of teacher Marga Treibel, a resident of a countryside town, who is accused of murdering her husband. After this traumatic event, Marga loses her ability to speak and is hospitalized. However, the teacher decides to break the silence of a relationship of abuse and violence by writing letters. By analyzing this novel, we hope to contemplate themes that echo in the stories of countless women who, in their life trajectories, have been silenced and subjugated. In a society in which patriarchy, although in decline, still exerts influence, this research aims to take a qualitative and interpretative look at this issue, contributing to a deeper understanding of the subject. This analysis is based on Cultural Studies (Cevasco, 2009) and Feminist Criticism (Machado, 2006; Zolin, 2019; Bandeira, 2019; Zukoski, 2020), with the intention of considering the abuse suffered and faced by the protagonist, as well as her resistance and subjectivation through writing.

Keywords: Novel by a female author. Valesca de Assis. Gender Violence. Female Resistance.

¹Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC), da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus de Campo Mourão. E-mail: lorenaamorimdesouza2109@gmail.com

²Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: anazukoski@gmail.com

³Doutora em Letras, docente da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus de Campo Mourão. E-mail: wilmacoqueiro@gmail.com

A ficção de autoria feminina: considerações iniciais

Este trabalho apresenta uma análise interpretativa do romance *A Ponta do Silêncio*, publicado em 2016, por Valesca de Assis, com foco na intrínseca relação entre a ficção e a sociedade. Desse modo, o artigo busca discutir temas como a violência de gênero e a resistência feminina representados na literatura de Assis. Com efeito, este estudo objetiva exibir uma reflexão acerca de temas que ecoam nas histórias de inúmeras mulheres, que em suas trajetórias de vida, foram silenciadas e subjugadas.

Valesca de Assis estreou na literatura em 1990, com *A valsa da medusa*, e desde então suas obras fazem sucesso. Com uma lista de elogiadas produções, sua escrita abarca inúmeros gêneros literários, tendo publicações de contos, crônicas, romances, novelas e literatura infantojuvenil. Valesca em sua trajetória literária reuniu indicações e prêmios literários, dentro destes ressaltam-se: *Prêmio Autor Revelação*, em 2000, *Prêmio Especial do Júri da União Brasileira de Escritores*, em 2000, *Prêmio Alejandro J. Cabassa para novela*, em 2002 e a indicação para o *Prêmio Açorianos de Literatura*, na categoria romance, em 2001. Tais conquistas evidenciam a literacidade e a acuracidade estética presentes nas obras de Valesca de Assis.

A autora do romance em análise nasceu em uma cidade com pouco mais de 100 mil habitantes, Santa Cruz do Sul, e cursou filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, reside em Porto Alegre. Dentre suas obras publicadas, destacam-se: *A colheita dos dias* (1992), *O livro das generosidades* (1997), *Harmonia das esferas* (2000), *Todos os meses* (2004), *Diciodiário* (2005), *Vão pensar que estamos fugindo* (2008), *Um dia de gato* (2010) e *A ponta do silêncio* (2016).

Valesca de Assis publicou *A ponta do Silêncio* em 2016 e desde então a obra vem sendo *corpus* de diversas pesquisas relacionadas à literatura de autoria feminina, à violência contra a mulher e à resistência feminina. O romance *A Ponta do Silêncio* (2016) conta ao seu leitor uma relação afetiva marcada por abusos e violência. A protagonista, Marga Treibel, professora e moradora de uma pequena cidade do interior, é acusada de matar o marido, Rudy Treibel e, ao ser hospitalizada após o ocorrido, perde a capacidade de falar. Desse modo, a

trama do romance irá abordar a história silenciada de 33 anos de um casamento fracassado e evidenciar a resistência e a busca da protagonista por subjetividade.

A escolha dos nomes dos personagens, Marga e Rudy, é um ponto a ser realçado na obra de Assis. Tais nomes caracterizam as personagens e as remete a situação em que vivem. Marga, remete à amargura, que pode ser relacionada ao sofrimento pelo qual ela passou e a tornou amarga após tantos anos de violência sistêmica. Já no que tange ao personagem masculino, Rudy, corresponde a forma que o mesmo tratava a protagonista, com rudeza, brutalidade e agressividade, tanto nas palavras como nos atos.

Em *A Ponta do Silêncio*, observamos uma narrativa nutrida de temas que devem ser discutidos no meio social, tais como: a violência de gênero; o apagamento social do sexo feminino após o casamento; o papel tradicional posto para mulher diante da sociedade e a busca por subjetividade. Neste contexto, a obra proporciona uma abertura para a investigação da literatura de autoria feminina, focalizando, sobretudo, a resistência feminina na esfera literária. Conforme destacado por Zolin (2019), a escrita feminina abriu caminho para que as mulheres ocupem o papel de protagonistas e também narradoras nas tramas dos romances. Assim, as protagonistas podem contar suas próprias histórias e ocupar espaços que antes eram interditados à mulher:

A literatura de autoria feminina foi se apresentando como um segmento literário de tendência subversiva que, ao emanar da perspectiva sociocultural da mulher e identificar-se com o pensamento feminista, caracteriza-se, sobretudo, por fazer emergir identidades e posturas femininas cujas trajetórias sinalizam a retirada da mulher das esferas da obscuridade e do silenciamento, promovendo-lhe a subjetificação (Zolin, 2019, p. 329).

Zolin (2019) explica que a literatura de autoria feminina foi situando-se como um segmento literário subversivo, ou seja, marcado pela ruptura de padrões, pois parte da visão da mulher e identifica-se com o pensamento feminista. Desse modo, obras de autoria feminina emergem revelando identidades e posturas femininas que buscam transcender as sombras da sociedade e o apagamento de suas vozes, proporcionando a descoberta do seu papel no mundo.

A literatura de autoria feminina, que por muitos anos ficou apagada da história e quase extinta do cânone literário, conquistou após a crítica feminista por volta de 1970, novos cenários e abriu um novo horizonte para a literatura escrita por mulheres, pois essas as

mesmas puderam através da escrita ocupar lugares que, nunca antes na história, o sexo feminino poderia chegar. Zolin (2019) evidencia que:

O novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*. De um lado, a crítica literária, antes de domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo (Zolin, 2019, p. 320).

Neste novo lugar, as mulheres podem, finalmente, ter um meio de escape. A escrita é liberdade e expressão, e por meio dela o medo pela rejeição pode ser quebrado. Redigir pode ser uma arma valiosa para mulheres que estiveram, ao longo da vida, privadas do direito à palavra, sentenciadas ao silêncio forçado. A literatura de autoria feminina lança luzes nas demandas femininas, cruzando fronteiras entre autoria e recepção. Seja a autora ou a leitora, por meio do texto ela pode se encontrar. A obra literária é porta para o que pode ser descoberto. A escrita feminina, desde seu princípio, é a libertação contra o silêncio, contra as doutrinas impostas por uma sociedade patriarcal e contra o controle masculino sobre as mulheres, seus pensamentos e identidades.

Os romances de autoria feminina colocam como protagonistas mulheres, que em sua maioria, demonstraram histórias de superação e de busca por subjetivação. Assim, as obras de literatura feminina têm o importante papel de abrir barreiras para um novo olhar da posição da mulher na sociedade. Para além, a literatura de autoria feminina, com suas protagonistas fortes que buscam sair do lugar onde estão amarradas, inspira milhares de outras mulheres (leitoras) que busquem por suas próprias identidades. Zolin (2019) explica a respeito das protagonistas femininas em romances:

Esses romances são, predominantemente, protagonizados por personagens do sexo feminino (65,3%), letradas (44%), vivenciando conflitos típicos da pós-modernidade, amalgamadas às implicações do espaço multifacetado dos grandes centros urbanos, em que se encontram inseridas (83,2%), por onde frequentemente transitam sem se dar conta de que tais espaços eram, tradicionalmente, interditados à mulher; bem como, são representadas empreendendo constantes deslocamentos espaciais, em forma de viagens, mudanças, ou peregrinações; além disso, são imbuídas do direito de falar

(66,7), caso das protagonistas que são também as narradoras de suas histórias e de representar, caso das personagens-escritoras (10,7%) (Zolin, 2019, p. 329).

Estas protagonistas do sexo feminino em diversos romances emergem para construir novos papéis para as mulheres. Elas circulam na sociedade, em espaços que antes eram proibidas de estar ou falar e são personagens com opinião, profissão, emprego e suas vidas giram em torno de si mesmas e não mais do homem ou do casamento. Tais personagens buscam por subjetivação e defendem seus ideais, rompendo com o papel de mulher objeto do marido e do casamento.

É na literatura de autoria feminina que as mulheres leitoras podem encontrar versões de si mesmas e podem enxergar sua própria trajetória de vida com outros olhos. A literatura de autoria feminina desnuda a visão das mulheres para os papéis que elas podem exercer em sociedade, não estando restritas a um único papel. As obras escritas por mulheres incentivam outras mulheres a buscarem por subjetivação, por resistência, por quebrar padrões e por fazer suas opiniões serem vistas e ouvidas.

A violência contra a mulher: diálogos entre realidade e ficção

Durante anos na história, as figuras históricas, seja na literatura seja no mundo social, são os homens, o sexo masculino, o sexo tido como o mais forte. A estrutura da violência contra mulher foi construída e moldada de forma que sempre a coloca abaixo do homem, às margens da sociedade regida sob a ótica masculina. Esta violência emergiu para moldar a mulher, forçando-a à obediência e ao silêncio. Gomes (2017) comenta a estrutura da violência no Brasil:

A estrutura da violência hegemônica contra as mulheres funciona como forma de controle e de punição [...]. No Brasil, essa violência é parte da cultura herdada de uma sociedade excludente e extremamente disciplinadora, que impôs a violência como forma de controle e disciplina da mulher desde o discurso religioso, passando pelo controle patriarcal e está presente nos modernos casamentos em que esposas são ameaças por homens que não aceitam o fim de casamentos fracassados (Gomes, 2017, p. 109).

Diversos discursos que estão inscritos na sociedade carregam o *status* de verdades universais, ainda que não disponham de uma fundamentação científica, servem para moldar a mulher, seus valores e ideias de acordo com os ideais dos homens que a cercam. Na igreja as mulheres se adaptam aos desejos e princípios do pastor e do marido, em casa afeiçoam-se aos do marido e, se ainda vivem com os pais, aos princípios do pai. Em volta de toda mulher sempre há um homem querendo impor seus desejos e ideias sobre ela. E quando esses desejos não são acatados, é quando começa a emergir a violência.

A violência contra mulher, segundo homens agressores, sempre tem motivos e encontra justificativa perante a sociedade, uma vez que as mulheres são colocadas no papel de culpadas e não de vítimas. Em diversos casos de violência, seja verbal ou física, evidenciados nas mídias sociais, mulheres são culpabilizadas pelos crimes cometidos pelo homem. Estes se defendem com discursos que tentam colocar a culpa do delito na vítima, dizeres como: “ela me provocou primeiro”, “olha a roupa que ela está usando, pediu por isso”, “ela se insinuou para mim”, entre outros enunciados que, para além de diminuir a mulher, a coloca como causadora do infortúnio que a mesma foi acometida.

Machado (2006) expõe algumas razões para os atos violentos cometidos por homens contra as mulheres: “Controle e posse da mulher, desejo de ter, desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos, são o que se pode deduzir das razões dos atos violentos de que nos falam os homens agressores” (Machado, 2006, p. 14).

As notícias a respeito da violência contra as mulheres nos canais midiáticos sempre são acompanhadas de “explicações” para a agressão. Inclusive, meios de comunicação, como programas de televisão, jornais e canais em plataformas sociais pesquisam sobre a vida da vítima a fim de encontrar condutas que justifiquem os abusos sofridos pela mesma. Desse modo, ocorre, uma manipulação de discursos, para construir uma culpabilização em derredor da pessoa acometida da violência. Ademais, reduz a culpa do autor do delito e ameniza o caso, isto é, quando o crime é noticiado, porque muitos são silenciados ou nunca comentados pela própria vítima. Pouco se fala sobre a pessoa afetada, mas muito menos sobre o agressor. Esse, normalmente, é desculpabilizado do crime e na maioria das vezes não é denunciado. Casos de

não denúncia e de silenciamento são muito comuns⁴, pois os agressores, majoritariamente, são conhecidos da vítima. Sendo assim, o medo de denunciar funciona como um mecanismo para normalização do silenciamento. Consoante a isso, muitos agressores não são punidos e não cumprem as medidas legais impostas a eles.

A violência contra mulher tem um segmento, principalmente, quando se trata de relações afetivas ou parentais. Primeiro começa com abusos verbais, depois passa para os abusos físicos e em alguns casos o final do ciclo é o homicídio. Machado (2006) ressalta que “os femicídios parecem ser o ponto final da escalada das violências crônicas e cotidianas” (p. 15). Neste viés, Machado (2006) apresenta as categorias de agressores/acusados de cometer feminicídio:

A categoria de “parceiro de relações amorosas e sexuais com alguma presumida estabilidade”, abarcando esposos, companheiros, amantes, namorados, noivos, ex-esposos, ex-companheiros, ex-amantes e ex-namorados, sozinha, demonstrou representar 66,29% do total dos agressores/acusados dos homicídios de vítimas femininas. A categoria de “parente”, da qual foram excluídos os esposos, mas que engloba tanto o parentesco por afinidade quanto o “de sangue”, foi responsável por 16,19% dos femicídios noticiados. A categoria de “conhecidos”, englobando patrões, empregados, colegas, rivais, vizinhos, conhecidos, amigos e inimigos, representa outros 14,80% do total de homicídios contra vítimas femininas. E uma última categoria é a de desconhecido, que representa apenas 2,71% das vítimas com informações sobre suas relações com o acusado (p. 15).

É possível observar nos dados apresentados por Machado, elencados em 2006, que a maior categoria (66,29%) dos homens que cometem homicídio a vítimas femininas são seus parceiros ou ex-parceiros, independente do estágio da relação, namoro, noivado ou casamento. A violência decorre do homem com quem a mulher tem uma relação afetiva, ou seja, de quem menos deveria produzir qualquer tipo de agressão.

A violência contra mulher em relações afetivas começa sutilmente. O processo de transformação das atitudes masculinas é para poder ter o controle da relação, para que as suas ideias prevaleçam sobre os valores da mulher com que se relaciona. É comum ouvirmos

⁴ Consoante a isso, temos inúmeros exemplos registrados em notícias, sobre a ineficiência de medidas protetivas. Para mais informações, ler a reportagem completa disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/baurumaria/noticia/2024/02/26/horas-depois-de-pedir-medida-protetiva-contramarido-mulher-e-assassinada-e-tem-orgaos-arrancados-no-interior-de-sp.ghtml>>. Acesso em 24 fev. 2024.

histórias de mulheres que começaram relacionamentos com homens considerados “decentes e bons partidos”, mas que no decorrer da relação afetiva foi demonstrando ter um lado agressivo que antes era reprimido e que foi sendo revelado aos poucos.

Em algumas mídias sociais como: *Tik Tok* e *Instagram*, é recorrente ver vídeos que falam a respeito das *red flags*, traduzido como bandeiras vermelhas, utilizadas para alertar comportamentos negativos, seja em relacionamentos ou em situações. Este termo, ultimamente, se popularizou para alertar mulheres em relação a comportamentos negativos ou abusivos que homens podem ter contra elas. Ademais, “influencers digitais” postam vídeos apresentando *red flags* para que as telespectadoras sejam capazes de perceber esses comportamentos nos parceiros e futuros parceiros. Assim, a identificação dessas bandeiras vermelhas, auxilia mulheres a reconhecer possíveis relações abusivas antes mesmo de entrar na relação.

A literatura de autoria feminina produz uma ficção que dialoga com a realidade das mulheres que têm suas ideias e seus valores apagados e que, ainda sim, lutam por resistência e buscam subjetividade. Gomes (2017) ressalta que a literatura:

Em particular, a ficção de autoria feminina pode ser explorada como uma estratégia de conscientização a favor da mudança de paradigmas culturais que libertem as mulheres desses crimes herdados de um sistema disciplinador e punitivo (Gomes, 2017, p. 118).

Como explica Gomes (2017) na citação acima, a literatura, principalmente, a de autoria feminina é capaz de ser usada como ferramenta de conscientização. Neste sentido, a ficção de autoria feminina abre caminho para o rompimento de paradigmas culturais, como a visão da mulher como dona do lar, boa esposa e boa mãe, para libertar as mulheres desses papéis estabelecidos por uma sociedade patriarcal e possibilitar a elas criar suas próprias personalidades no meio social, encontrar suas diversas facetas e desenvolver suas identidades.

Em obras de literatura de autoria feminina de autoras como: Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti, Nérida Piñon, Clarice Lispector e Virginia Woolf, nota-se que suas narrativas buscam produzir protagonistas com ideias estabelecidas que quebram padrões e rompem com o papel imposto pela sociedade patriarcal. As obras de tais autoras são marcadas pelo desempenho em lutar pela igualdade de gênero. Gomes (2017) acentua que a literatura de

autoria feminina tem um potencial questionador e que “Explorar esse potencial questionador da literatura é fundamental para fortalecermos uma crítica cultural que revise os sentidos de práticas ancestrais fundamentadas pela desigualdade de gênero” (p. 118).

Portanto, é explorando esse potencial de questionar a realidade em diálogo com a ficção que a literatura proporciona mudanças necessárias para a ruptura de paradigmas. Por conseguinte, aflora em mulheres que tiveram suas trajetórias silenciadas a vontade de falar e de expressar seus medos e receios, levantar a ponta do silêncio do tapete que cobre suas vidas.

O levantar da ponta do silêncio: violência e resistência no romance de Assis

O silêncio que perdurou por anos é rompido. Após perder a voz e ser hospitalizada devido ao choque em testemunhar a morte do marido, Marga, exausta da vida amargurada e das acusações de homicídio, resolve romper com o silêncio que a assombrou durante anos. Ela busca reencontrar a Marga que há muito tempo não via quando se olhava no espelho e, para isso, o ato de escrever se torna sua arma de proteção e de resistência. A escrita transforma-se em sua maior confidente e seu principal ato de confissão contra o crime que estava sendo acusada e consegue dizer o que nunca conseguiu expressar em voz alta.

A protagonista em seu relato conta ao leitor e ao receptor das cartas, o delegado que cuida do caso, cada ponto da sua história que teceu o enorme tapete que a cobriu do mundo e a silenciou por décadas. Marga escreve as cartas e por elas busca revelar sua história de vida e inocência perante o caso. Por meio das vívidas memórias de cada momento que viveu e sofreu e de todos os caminhos que seguiu na vida até chegar no hospital, Marga expressa o que nunca antes sonhou em revelar.

Marga não casou mal. O marido nasceu em uma boa família que tirava seus lucros do ramo dos tecidos. Rudy era bonito e popular na cidade interiorana onde habitavam, como dizem os ditados populares: “Marga deu sorte”. Para quem observava de fora o relacionamento era perfeito, um casal para se nutrir admiração, ou seja, um casal exemplar. Mas, e da porta de casa para dentro, era tudo perfeito? Os problemas familiares de Marga e seu casamento violento eram camuflados pelo silêncio dos participantes da família. Todos

acatavam as ordens de Rudy, os filhos desde pequenos e Marga desde que se tornou esposa, assim fornecendo aos vizinhos e conhecidos uma imagem de família perfeita.

Oliveira e Moreira (2021) ressaltam: “Marga deixa claro que se casou com o bom partido da cidade, mas pagou o preço de ir, aos poucos, acatando os desejos e os valores do marido, em detrimento dos seus próprios valores” (Oliveira; Moreira, 2021, p. 111). A protagonista, na busca de ser uma boa esposa e mãe, assim como impõe a sociedade, deixou de lado a busca por si mesma. Perdida no papel de esposa, de dona do lar e mãe, Marga não consegue saber quem é, quais seus próprios valores, seus desejos e objetivos. Ao longo do período que viveu com Rudy Treibel, ela se anulou em prol do casamento. No meio desse relacionamento, Marga teve seus vestígios apagados, sua presença na casa, aos poucos, era quase nula:

Casamos, por fim, Rudy e eu [...]. A partir de então, partilharíamos de uma aparente igualdade de espaços na casa e na família que iniciávamos. Mas, a cada dia, meu espaço e as marcas de minha presença diminuía. Tão imperceptivelmente, que parecia mais um produto da minha imaginação, sempre fértil (Assis, 2016, p. 49).

A protagonista vivia para os deveres da casa e do marido. Assim, o que lhe sobrava eram os passatempos, tecer era um deles e no meio dos emaranhados das linhas escondia sua dor, seus medos e seus mais profundos desejos. A escrita e a tessitura viraram aliados para enfrentar seus próprios monstros.

E quem me veja bordando, aqui no quarto onde estou, quase prisioneira e preparando minha confissão, talvez estranhe o que parece ser uma inconseqüência, uma irresponsabilidade. Não sabem que é tão somente uma atormentada busca de sentido, no bordado e na escritura.

Por meio da escrita, Marga conta as inúmeras violências que sofreu no decorrer do seu casamento. Machado (2006) expõe as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher: “violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral” (p. 17). Dentre as violências expostas por Machado (2006), a protagonista sofre de pelo menos duas delas: a violência física e a psicológica. Nas cartas que a professora direciona ao delegado do caso, ela

relata com mais detalhes algumas das violências que enfrentou em seu casamento, como por exemplo, a violência física que sofreu quando o marido descobriu que a filha estava grávida sem ser casada:

- Vagabunda, sem-vergonha! – e já foi tirando a cinta, para bater.
- Puta, puta, puta!
- Coloquei-me entre os dois, e recebi os golpes, todos os golpes.
- Não era o meu antigo amor que gritava, olhando-me nos olhos:
- Puta, sim, e tu és a culpada! – e ele me batia (Assis, 2016, p. 40).

Está violência que Marga sofreu no lugar da filha pode ser chamada de “Violência corretiva”. Acerca desse tipo de agressão, muito comum ainda contemporaneamente, Machado (2006) explica:

A “violência corretiva”, cotidiana e crônica contra as mulheres que lhe retira toda a auto-imagem e que se traduz em violência física, psicológica, sexual e moral apresenta números de ocorrências incomensuráveis dado que são em grande parte restringidos à ordem do segredo e da vergonha (Machado, 2006, p. 15).

Para além, observa-se no trecho a escolha lexical de xingamentos feita por Rudy para ofender e desvalorizar a filha, rotulando-a como “vagabunda”, “sem-vergonha” e por fim como “puta”. Em outras palavras, ele insinua que a filha, ao engravidar do namorado sem estar casada, se torna uma mulher sem dignidade, imoral e que vive uma vida desregrada, refletindo uma visão nitidamente patriarcal. Deste modo, percebemos a condenação moral que o pai faz à filha a respeito da liberdade sexual feminina. O tema da liberdade da mulher para ter relações sexuais, tanto dentro quanto fora do casamento, é amplamente discutido. Isso ocorre porque, quando se trata de relações sexuais dentro do matrimônio, a mulher muitas vezes se sente quase que obrigada a praticá-las, independentemente de sua vontade. Esse tipo de violência é conhecido como estupro marital e é pouco reconhecido socialmente, podendo estar acompanhado de violência verbal ou física. Na perspectiva do personagem masculino em questão, as mulheres que se envolvem em relações fora do casamento, e principalmente aquelas que engravidam, são sujeitas à discriminação.

Outrossim, no mesmo trecho, nota-se o marido culpando a esposa pelos passos dados pela filha, visto que, na ótica do personagem, a culpa pela gravidez da filha não casada seria a “mal criação” da mãe. Nesse sentido, a mulher (mãe) dentro do seu lar é exclusivamente culpabilizada por todas as coisas que na visão do homem (marido) deram errado, isentando-o da responsabilidade na criação dos filhos.

A violência que a protagonista sofria, e que é uma realidade recorrente na vida das mulheres que enfrentam essas situações diariamente, se revela como algo destinado ao silêncio, encoberto pela vergonha e pelo medo de compartilhar com outros/as o que ocorre dentro de sua própria casa. A respeito dessa invisibilidade, ao longo dos séculos, das agressões enfrentadas por tantas mulheres, Bandeira (2019) ressalta: “Se a luta do movimento feminista foi tornar pública a violência sofrida pelas mulheres, no sentido de reconhecê-la como problema que envolve a sociedade em geral, o poder familiar ainda a silencia” (p. 302). Ou seja, por mais que, a partir do movimento feminista, a violência sofrida pelas mulheres se tornou pública e, a partir disso, mais meios de auxílio a mulheres violentadas foram criados, a maioria dos casos ainda são cercados pelo fio do silêncio.

Na obra de Assis, Marga também sofria de violência psicológica e acreditava que as marcas de sua presença em sua própria casa e em sua própria vida diminuiriam mais a cada dia. Nestes trechos evidenciamos exemplos de violência psicológica:

e ele perguntou: Que cheiro é esse? Passaste mijo de gato nos braços e na cara? (Assis, 2016, p. 57);
Sinal? Sinal de quê? Só se for para lembrar que não deveria ter misturado minha raça com a tua! (Assis, 2016, p. 74).

Nos dois fragmentos acima, observamos a grosseria de Rudy e como a protagonista era tratada mal pelo marido. No primeiro excerto, visualizamos Marga tentando agradar o marido, ao usar cremes pelo corpo para manter-se hidratada e com a pele “fresca”. A protagonista se vê obrigada a agradar o marido e sempre estar “bem cuidada e bonita”, visto que diante da sociedade este é seu papel: agradar o homem com quem se casou. Já o marido não reconhece nenhum esforço por parte da esposa e a humilha, posto que para ele, a esposa não precisa mais de elogios como era no começo do relacionamento. Para Rudy, os esforços da esposa em agradá-lo já não têm efeito, dado que ele não possui mais expectativas de encontrar beleza na

mulher com quem se casou. O segundo excerto apresenta a reação de Rudy após reclamar do neto e da filha e ser repreendido pela esposa, que sugeriu que poderia ser um “sinal” a doença do neto, indicando a necessidade de mudar sua maneira de tratar a esposa e a filha. Entretanto, o personagem masculino não interpreta isso como sinal para melhorar seu comportamento com a família, mas transforma-o em uma acusação adicional à esposa. Agora, Rudy culpabiliza a genética da esposa por ter “misturado” a “raça” dele com a dela, visto que a protagonista vinha de uma família humilde de trabalhadores, enquanto ele provém de uma família de comerciantes importantes no ramo têxtil. A respeito desse tipo de acusação, Gomes (2017) enfatiza que:

a violência é um fantasma que faz parte de práticas ancestrais de controle da mulher e que insistem em assombrar a modernidade. Como fantasma, ela não tem face, mas está presente tanto nas estatísticas e nos dados sobre a violência no Brasil como também é representada nos textos literários (p. 117).

Neste sentido, o trabalho com a análise interpretativa da obra, busca evidenciar os reflexos sociais encontrados no romance e refletir sobre temáticas que ainda estão presentes na sociedade. Quanto ao protagonismo da ficção escrita por mulheres, Gomes (2017) destaca: “a ficção de autoria feminina pode ser explorada como uma estratégia de conscientização a favor da mudança de paradigmas culturais que libertem as mulheres desses crimes herdados de um sistema disciplinador e punitivo” (p. 118). Isso significa que a ficção de autoria feminina é uma ferramenta conscientizadora que desperta o interesse dos/as leitores/as por temas muitas vezes negligenciados na sociedade. Além disso, a literatura de autoria feminina viabiliza o direito à expressão para mulheres que foram silenciadas ao longo dos anos.

A protagonista utiliza a escrita, mais precisamente a redação de cartas, como forma de resistência. Mesmo com receio de quebrar o silêncio que a envolveu por anos e com a capacidade de fala prejudicada, Marga busca expor sua história:

Esta carta, já deduziste, tem a finalidade de expor a minha parte na história suja que ocupa as páginas dos jornais e as bocas mais ferinas de nossa cidade. Tenho de escrever porque não posso falar. Não consigo mais falar: alguma porta se fechou em mim, e não posso, nem devo, abri-la (Assis, 2016, p. 24).

Através da escrita, a professora Marga Treibel procura construir-se e compreender-se como sujeito no mundo, buscando ocupar o seu próprio espaço. Marga deseja deixar para trás as imposições do casamento e da sociedade, buscando emancipar-se de ser apenas um objeto na relação com o marido e no âmbito doméstico, visando a ter suas próprias identidades. A protagonista anseia por reconhecer a Marga que melhor a representa, aquela que ela perdeu muitos anos atrás quando começou a aceitar e obedecer à vontade dos outros em detrimento de sua própria vontade:

Preciso erguer a ponta deste silêncio, erguer a ponta deste grande e solitário tapete urdido dia a dia em todos esses anos, e que é a coberta de minha vida. Levantada a ponta, o resto virá por si, torrencial e caudaloso. Apenas necessito forças para quebrar o vidro do ressentimento e cruzar o espelho onde me desenharam como bem quiseram. Ali, espero encontrar o rosto único e verdadeiro com que nasci, e que talvez nem minha mãe tenha enxergado. Com meu próprio rosto, meu corpo haverá de ocupar um espaço no mundo e poderá falar com seus próprios gestos com sua própria voz (Assis, 2016, p. 58).

Na citação acima observa-se a vontade da protagonista de encontrar na frente do espelho um novo reflexo e ocupar no mundo um novo espaço. Marga não deseja mais ser o objeto moldado pelo casamento e pela família, sempre obediente e silencioso. Nesse momento, a protagonista almeja encontrar-se, ter seu próprio rosto e corpo, podendo ocupar livremente seu espaço no mundo, sem as amarras do silêncio. Assim, sua subjetividade terá a capacidade de agir e falar por meio de seus próprios gestos e voz. A respeito da escrita Zukoski (2020) explana:

sobretudo no que tange a questão da escrita, que foi, e ainda é, uma grande aliada das mulheres, pois, por meio dela, dão vazão às suas vozes, suas representações e suas angústias. Cumprem, assim, o caráter crítico da literatura, ao denunciarem a marginalidade, a condição feminina de opressão, o machismo de cada dia, e tantas outras questões que precisam enfrentar. A escrita literária de mulheres pode ser compreendida como um instrumento de luta, resistência e busca pelo autoconhecimento. É a arte, mais do que nunca, assumindo sua função social! (p. 27).

Com essa perspectiva, podemos afirmar que a escrita cumpre um papel especial e assume um grande compromisso em ser o instrumento de resistência, luta e procura pela própria identidade de diversas mulheres ao redor do mundo, que, por meio da escrita literária, transformam não apenas suas vidas, mas também a vida de outras mulheres. A respeito disso, Zukoski (2020, p. 44) reitera que: “A escrita é dotada de subjetividade. Esse é um conceito-chave para compreender como a busca pela própria identidade pode ser marcada pelo processo da escrita, por esse ser carregado de subjetividade”.

Sendo assim, a escrita e a busca da mulher por identidade, como no caso de Marga, em análise, caminham lado a lado e se desenvolvem simultaneamente. Afinal, a escrita fornece o suporte necessário para a busca de subjetividade, uma vez que esta é intrinsecamente subjetiva. Dessa forma, pode-se afirmar que a identidade de Marga, sua subjetivação na pequena cidade interiorana em que reside, está sendo construída por ela e para ela através da escrita.

Considerações Finais

Para concluir, buscamos, neste trabalho, discutir questões relevantes na sociedade contemporânea que necessitam de debate. Os objetivos desta pesquisa foram refletir e analisar, em *A Ponta do Silêncio* de Valesca de Assis, temas relacionados à violência de gênero presentes na sociedade contemporânea, a resistência feminina na obra, e a escrita como forma de subjetivação da protagonista, refletindo aspectos sociais na literatura.

A escrita, para Marga, torna-se uma ferramenta crucial para romper as amarras do silêncio que a envolviam. Suas cartas não apenas iniciaram sua autoconscientização sobre as inúmeras violências sofridas, mas também serviram como meio de resistência e confissão. Através das cartas endereçadas ao delegado, Marga pode enfrentar as acusações de homicídio, revelando detalhes de sua vida e relacionamento que permaneceram cobertos por um tapete tecido pela própria protagonista.

Dessa forma, o ato de escrever cartas ao delegado representou para protagonista um processo de reflexão sobre 33 anos de uma relação afetiva marcada de abusos e violência, assim como uma vida silenciosa que nunca havia sido questionada por ela anteriormente.

Durante sua estadia no hospital, Marga descobriu na escrita e no bordado seus mais leais companheiros e confidentes. Assim, a escrita tornou-se a ferramenta que permitiu à professora enfrentar os anos de abusos e finalmente romper um silêncio que perdurou por tanto tempo. Com efeito, a escrita, além de ser simplesmente o ato de registrar palavras, tornou-se para nossa protagonista uma forma de resistência e de subjetivação.

A literatura de autoria feminina, por sua vez, ilustra através de protagonistas femininas em suas obras a visão da mulher sobre o mundo e o seu papel na sociedade. Nas últimas décadas, essas obras ficcionais têm apresentado protagonistas fortes e independentes, que lutam para conquistar seu espaço como sujeito no mundo. Assim, a literatura escrita por mulheres tem um caráter conscientizador, como cita Gomes (2017), e por meio dela outras mulheres se identificam e buscam refletir a respeito dos seus próprios valores e de suas identidades. Nessa perspectiva, a literatura escrita por mulheres assume um papel significativo ao incentivar a conscientização de muitas delas sobre a sua própria independência.

Referências

ASSIS, Valesca. **A ponta do silêncio**. 2.ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2016.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 293-313.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem. 2009. p. 319-325.

GOMES, Carlos Magno. Literatura e performances políticas sobre a violência contra a mulher. **Pontos de Interrogação**. Volume 7, n. 2, jul.dez., p. 107-119, 2017.

MACHADO, Lia Zanotta. Violência doméstica contra as mulheres no Brasil: avanços e desafios ao seu combate. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Cartilha Violência Doméstica: protegendo as mulheres da violência doméstica**. Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos. 2006, p. 14-18.

OLIVEIRA, Amanda da Silva; MOREIRA, Maria Eunice. A representação dos papéis femininos em *A ponta do silêncio*: realidades e transgressões. In: COQUEIRO. Wilma dos Santos; SILVA,

Vicentônio Regis Nascimento. **Incursões pela ficção de Valesca de Assis**: os pampas das mulheres. Maracaí, SP; Editora Jasvens, 2021, p. 103-120.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina: In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas (orgs). **Teoria Literária**: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. 4. ed. rev.e ampl. Maringá: Eduem, 2019, p. 319-330.

ZUKOSKI, Ana Maria Soares. Da quarentena ao voo: narrativa e identidade em Maria Valéria Rezende. 2020. 117f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Universidade Estadual de Maringá – UEM, 2020.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.